

# “É isso o que eu quero para mim”: a descoberta da música como sentido de vida num curso técnico integrado

## Comunicação oral

Maura Penna  
Universidade Federal da Paraíba  
[maurapenna@gmail.com](mailto:maurapenna@gmail.com)

Susie Santos  
PIBIC/CNPq/UFPB  
[susiequima@hotmail.com](mailto:susiequima@hotmail.com)

Ana Luiza Pinto  
PIBIC/CNPq/UFPB  
[analuzallmp@gmail.com](mailto:analuzallmp@gmail.com)

Rodrigo Lisboa  
PPGM/CAPES/UFPB  
[rodrigotrombonista@hotmail.com](mailto:rodrigotrombonista@hotmail.com)

Andréa Santos  
Universidade Federal da Paraíba  
[andrea@ct.ufpb.br](mailto:andrea@ct.ufpb.br)

**Resumo:** Esta comunicação explora, especificamente, depoimentos de alunos do bacharelado e licenciatura em música da UFPB que passaram pelo Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical do Instituto Federal da Paraíba. A pesquisa tem como suporte teórico os princípios da Logoterapia – ou teoria do sentido de vida – concebida por Victor Frankl (2014), bem como estudos da área da Educação Musical. Numa abordagem qualitativa, a coleta de dados baseou-se na metodologia da história de vida, através de entrevistas narrativas (GIBBS, 2009). Todos os entrevistados, em algum momento de suas vidas, tiveram que fazer uma escolha consciente e autônoma. Decidir-se por fazer música, persistir em sua prática, aprimorando-a para sua formação e atuação profissional, exigiu, de cada um, coragem em admitir que a relação com a música assumia em suas vidas uma significação maior. Concluiu-se que espaços como o da instituição aqui reportada podem apontar para modelos válidos de formação prévia aos estudos de graduação, potencializando o sentido de vida dos sujeitos envolvidos.

**Palavras-chave:** Cursos técnicos de música; Logoterapia; Sentido de vida.

## Introdução

Este texto apresenta um recorte da pesquisa em desenvolvimento, *Percursos de Estudo e Formação Musical: significações pessoais da relação com a música*, que o grupo Música, Cultura e Educação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) vem realizando desde 2016. Nesta pesquisa, enfocamos a relação subjetiva e pessoal que estudantes universitários de música, com diferentes perfis, estabelecem com a música ao longo de seu trajeto de formação, que articula diversas práticas educativas, em diferentes contextos. Norteia a pesquisa o seguinte problema: *o que a música significa para cada pessoa que investe na prática musical, desenvolvendo-a sistematicamente, buscando aprimorá-la e adotando-a para sua formação e/ou atuação profissional?*

Numa abordagem qualitativa, a coleta de dados baseou-se na metodologia da história de vida, através de entrevistas narrativas<sup>1</sup>. Para Gibbs (2009, p. 80), a narrativa é “uma das formas fundamentais com que as pessoas organizam sua compreensão do mundo [...] elas dão sentido a suas experiências passadas e compartilham essas experiências com outras”. Assim, num depoimento livre, cada participante relatava sua história de vida musical. Num segundo momento, após a transcrição<sup>2</sup> da primeira entrevista narrativa, uma segunda entrevista retomava pontos significativos de seu relato, enfocando mais profundamente as significações pessoais que a música ganhava em diversos momentos de seu percurso de formação<sup>3</sup>.

Esta estratégia de coleta mostrou-se bastante produtiva para nossa pesquisa, pois os relatos traziam aspectos socioculturais e também subjetivos, que puderam ser analisados sob diferentes enfoques. Por permitir acessar, através da memória autobiográfica, os significados que para cada sujeito atribui, no momento do seu relato, às experiências de sua vida (SILVA JR, 2018, p. 174-178), a metodologia adotada adequa-se ao referencial teórico da

---

<sup>1</sup> O projeto de pesquisa foi submetido ao CONEP através da Plataforma Brasil, sendo aprovado sob o protocolo CAAE 56274916.7.0000.5188. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As coletas de dados foram realizadas pelas bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/ CNPQ /UFPB) Ana Luiza Pinto e Susie Santos.

<sup>2</sup> As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, respeitando a ortografia padrão, mas sem descaracterizar a fala dos entrevistados. As duas entrevistas foram realizadas, em média, com 30 dias de diferença (ver Quadro 1, adiante).

<sup>3</sup> Para um maior detalhamento dos procedimentos metodológicos, ver Penna, Pinto e Santos (2018a, 2018b).

teoria do sentido de vida, que aborda aspectos existenciais e as significações subjetivas das trajetórias e escolhas pessoais.

Nesta comunicação, exploramos especificamente os depoimentos de alunos do bacharelado e licenciatura em música da UFPB que passaram pelo Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical do Instituto Federal da Paraíba (IFPB). A peculiaridade de tal curso, que articula uma formação profissionalizante ao Ensino Médio de caráter integrado e presencial, leva-o a ser escolhido muitas vezes por ser um dos poucos da instituição oferecido na área de humanas,<sup>4</sup>. Sendo assim, para muitos alunos da UFPB, esse curso foi decisivo para a sua relação com a música, suscitando questões interessantes a serem discutidas.

## Teoria do sentido de vida

O estudo aqui apresentado tem como suporte teórico os princípios da Logoterapia, concebida por Victor Frankl (1905-1997). Nas palavras de seu criador, “transmitir ao leitor, dentro de um espaço restrito, todo o material que ocupa vinte volumes em língua alemã é empreendimento quase impossível” (FRANKL, 2014, p. 123). Contudo, alguns princípios serão brevemente expostos no intuito de apontar sua relevância para a pesquisa aqui reportada.

A Logoterapia – embasada na Logoteoria<sup>5</sup>, ou teoria do sentido de vida – é considerada a terceira escola vienense de psicoterapia, sendo as outras duas a Psicanálise de Freud e a Psicologia Individual de Adler. Foi criada por Victor Frankl, vienense, professor de Neurologia e Psiquiatria. Tendo sido submetido aos horrores dos campos de concentração em Auschwitz, Frankl pôde observar o seu próprio comportamento e de outras pessoas em situações limites. A partir desta experiência, aprimorou os princípios da Logoteoria, que procura compreender como as pessoas agem de maneira a não perder o sentido de vida, mesmo em condições desumanas, pois, desde que se tenha um propósito, um sentido de existência, é possível suportar as mais terríveis situações.

---

<sup>4</sup> Ver a relação de cursos do IFPB em: <https://estudante.ifpb.edu.br/cursos/>

<sup>5</sup> Como neste trabalho não pretendemos tratar de aspectos terapêuticos, preferimos esta denominação. A Logoteoria é, portanto, uma opção teórica para nossa análise.

De acordo com a logoterapia, podemos descobrir esse sentido na vida de três diferentes formas: 1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável. (FRANKL, 2014, p. 135).

Frankl (2014, p. 138), então, estuda os mecanismos que fazem o homem criar significados para sua existência. Esclarece, porém, que o sofrimento não representa o único modo de se alcançar um sentido de vida, pois sofrer desnecessariamente representa apenas masoquismo.

Um conceito que nos interessa na teoria de Frankl diz respeito à resposta que se espera quando nos perguntamos qual é o **sentido da vida**. Para ele, não importa o que esperamos da vida, mas pensar naquilo que “a vida espera de nós” (FRANKL, 2014, p. 101). Ele explicita que a vida nos dirige perguntas a todo instante e cabe a nós mesmos respondê-las através de ações:

Em última análise, viver não significa outra coisa se não arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. (FRANKL, 2014, p. 102).

Para o autor, a “exigência do momento” está ligada ao sentido da existência, e esse sentido é diferente para cada pessoa. Por isso, não há uma resposta única para se criar um sentido de vida. Essa resposta só pode ser dada por cada indivíduo e pode ser modificada, em função das diversas situações pelas quais cada um passa.

O ser humano está constantemente fazendo uma opção diante da massa de potencialidades presentes; quais delas serão condenadas ao não ser e quais serão concretizadas? Qual opção se tornará realidade de uma vez para sempre, imortal, como “pegada nas areias do tempo”? A todo e qualquer momento, a pessoa precisa decidir, para o bem ou para o mal, qual será o monumento de sua existência. (FRANKL, 2014, p. 144).

E, para a Logoteoria, diante de quaisquer circunstâncias da vida, o homem é um ser livre e responsável pelas suas decisões – este é o conceito de **liberdade de vontade**<sup>6</sup>. Sendo assim, consideramos que o momento em que um jovem decide por sua carreira, neste caso,

---

<sup>6</sup> O terceiro conceito básico da teoria do sentido de vida é a **vontade de sentido**, que Frankl considera a motivação primária e autêntica do ser humano, diferenciando-se do desejo de prazer, da Psicanálise, ou do desejo de poder, de Adler.

pela opção de assumir a música como profissão, ele pode estar criando um sentido de vida que terá marcas indeléveis em sua realização como ser humano, algo que cria, naquele momento, um sentido para sua vida. Quanto a esse tipo de escolha, temos a explanação de Frankl:

Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisso a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo. (FRANKL, 2014, p. 133).

Voltaremos a discutir as ideias de Frankl na sessão de análise das narrativas dos sujeitos pesquisados.

## **O curso técnico integrado e suas características**

O Instituto Federal da Paraíba (IFPB), *campus* João Pessoa, é uma Instituição de Educação Superior, Básica e Profissional que oferece como opção o Curso Técnico Integrado de Instrumento Musical. O curso configura-se como uma modalidade de ensino profissionalizante integrada à formação do ensino médio, sendo oferecidas 40 vagas anualmente para novos alunos que desejam obter uma capacitação profissional com habilitação em instrumento musical (IFPB, 2015, p. 9).

Pertencente ao eixo tecnológico “Produção Cultural e Design”, este curso funciona nos turnos matutino e vespertino, com duração total de 4 anos, divididos em disciplinas anuais. Seu currículo é composto de conteúdos de formação geral – educação física, linguagens, matemática, ciências da natureza – conteúdos de preparação básica para o trabalho – inglês e informática – e de caráter profissionalizante – instrumento, percepção e teoria musical, prática profissional e história da música geral, brasileira e paraibana (BEZERRA, 2017, p. 178-182).

Em 2006, o IFPB – época em que atendia pelo nome de Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba – passou a ofertar a habilitação em música através do Curso Técnico Subsequente em Música<sup>7</sup>, perdurando até 2011, ano de sua última turma. Foi em 2009,

---

<sup>7</sup> De acordo com a Resolução nº6 de 20 de setembro de 2012 que define Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, a educação subsequente é destinada aos indivíduos que já

diante de um contexto de transformações e retorno do currículo integrado de educação tecnológica, que ocorreu a implantação do Curso Técnico Integrado de Instrumento Musical. Nesse mesmo período, os antigos CEFETs – Centros Integrados de Educação Tecnológica – foram transformados em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, tudo isso em meio a um contexto de críticas e debates em favor de uma formação mais humanista e em oposição ao modelo tecnicista de educação (BEZERRA, 2017, p. 17). Apesar do caráter tecnicista, o projeto curricular destaca que um dos objetivos do curso é garantir a formação humanística e contextualizada com a realidade social, histórica, cultural, econômica e política do público alvo (IFPB, 2015, p. 14).

O ingresso no curso ocorre mediante edital de processo seletivo aberto a cada ano letivo, destinando-se aos alunos que concluíram o ensino fundamental. Não é exigida a realização de provas específicas de música, de modo que, ao ser aprovado, o candidato pode optar por uma das habilitações instrumentais que constam no edital de seleção. Além disso, existe a possibilidade de permuta durante o primeiro ano do curso, através de processo específico (IFPB, 2015, p. 31).

Os Institutos Federais (IFs) não possuem grande tradição no ensino de música, pois são espaços historicamente voltados para a formação em conhecimentos tecnológicos e nas ciências exatas (BEZERRA, 2017, p. 20). No entanto, Horn (2016, p. 64) apontou que a região Nordeste concentra a maior parcela de cursos técnicos na área de música, a exemplo do curso ofertado pelo IFPB na modalidade integrada, *campus* João Pessoa, do qual trataremos neste trabalho.

O Curso Técnico Integrado de Instrumento Musical visa atender às demandas da sociedade, buscando a formação de profissionais capacitados para a atuação no mercado de trabalho (IFPB, 2015, p. 13). Assim, o curso ofertado pelo IFPB tem como objetivo:

Habilitar e contribuir na formação de profissionais técnicos de nível médio, integrada ao Ensino Médio, considerando as seguintes habilitações: violão, cavaquinho, bandolim, guitarra elétrica, piano, saxofone, clarinete, trompete, bateria, violino, viola, violoncelo, contrabaixo acústico e elétrico e canto. (IFPB, 2015, p. 16).

---

tenham concluído o ensino médio, enquanto a educação integrada, foco desde trabalho, é destinada aos estudantes que tenham terminado o ensino fundamental e que desejam obter uma habilitação profissional ao mesmo tempo que cursam o ensino médio (BRASIL, 2012, p. 3).

As aulas de instrumento podem ser conduzidas individual ou coletivamente, dependendo da abordagem do professor responsável. Além disso, a grade curricular do curso estabelece como um dos requisitos para a sua conclusão um estágio obrigatório – que pode ser realizado no próprio IFPB ou em outras instituições públicas ou privadas – assim como um trabalho de conclusão de curso – monografia ou recital (BEZERRA, 2012, p. 183). O seu egresso pode atuar nos campos profissionais da música – produção musical, editoração de partituras, elaboração de projetos musicais, performances coletivas e individuais – além de estar preparado para um possível prosseguimento dos seus estudos através da formação de nível superior (IFPB, 2015, p. 18-20).

Bezerra (2012, p. 269) aponta que a classe média tem se apropriado dos cursos técnicos integrados como um curso médio, público e gratuito de boa qualidade, sem interesse na formação técnica. Desta forma:

A educação tecnológica de qualidade, ofertada pela rede pública, de modo geral, é frequentada pelos jovens de classe média, que nela veem uma alternativa de inclusão no mundo do trabalho, **de continuidade dos estudos em nível superior** e de ascensão social. (KUENZER, 2011, p. 51 – grifos nossos).

Esta nova clientela é formada principalmente por estudantes que podem retardar o seu ingresso no mercado de trabalho e que têm maiores possibilidades de dedicação exclusiva aos estudos. Além disso, enxergam os IFs como instituições de excelência devido a alguns fatores como: estrutura física, possibilidade de verbas para auxílios estudantis e bons resultados de egressos em processos seletivos para o ensino superior (BEZERRA, 2012, p. 270-271).

## Descobrimo na música o sentido de vida

Partindo dos depoimentos coletados através das entrevistas, buscamos caracterizar e analisar o percurso de formação dos sujeitos participantes, tomando como referência os estudos da área de Educação Musical e da Psicologia — especialmente da Logoteoria de Frankl.

Ao longo da coleta (realizada entre abril de 2017 a novembro de 2018), foram entrevistados seis alunos dos cursos de graduação em música da UFPB (três da licenciatura e

três do bacharelado) que estudaram no curso técnico integrado em instrumento musical no IFPB, com idades entre 19 e 23 anos. Foram três homens e três mulheres<sup>8</sup>, com habilitações diversas, como caracterizado no Quadro 1.

Quadro 1 – características dos sujeitos participantes

Sujeito	Curso	Instrumento	Idade	1ª entrevista	2ª entrevista
S1	Bacharelado	Flauta Transv.	19	04 out. 18	29 out. 18
S2	Bacharelado	Violão	21	30 ago. 17	16 nov. 17
S3	Licenciatura	Bateria	20	28 set. 17	19 out. 17
S4	Bacharelado	Violino	20	04 abr. 17	15 mai. 17
S5	Licenciatura	Canto Pop.	21	09 abr. 18	22 mai. 18
S6	Licenciatura	Guitarra	23	09 abr. 18	29 mai. 18

Fonte: elaboração dos autores.

### Dos primeiros contatos com a música ao IFPB

Para todos os sujeitos, o primeiro contato com a música aconteceu no ambiente familiar, o que influenciou na formação do gosto musical dos entrevistados, através da apreciação de familiares músicos ou de artistas da mídia. O Sujeito 3 evocou memórias de seu avô saxofonista de orquestras de frevo: *“Eu me lembro de ter visto ele assim, já um pouco antes dele falecer e tocando. Eu lembro que eu fiquei muito maravilhado com aquilo e aquilo rendeu um certo impacto com o lance da música para mim” (S3-E1, 28/09/17)*<sup>9</sup>.

A influência do ambiente familiar na formação musical de modo informal é constante, tendo sido abordada por diversos autores (GOMES, 2011; PENNA, 2015, p. 41; TRAVASSOS, 1999, p. 129). Podemos também encontrar um exemplo disto no relato do Sujeito 4:

*Meu pai era luthier [...] Na minha casa tinha vários instrumentos, tinha um quarto que era só de instrumentos, eu via vários violões pendurados, violinos, instrumentos para serem consertados. Meu pai tocava com o meu irmão, de noite nos bares. Então [a música] sempre estava muito presente. Fim de semana em família, música. Minha mãe, uma música que tocava na rádio ela começava a*

<sup>8</sup> Como a grande maioria dos alunos dos cursos de música é composta por homens, sendo que em alguns instrumentos há pouquíssimas mulheres, não caracterizaremos cada sujeito por gênero para não comprometer o anonimato. Da mesma forma, nas citações de trechos das entrevistas serão omitidas as marcas de gênero.

<sup>9</sup> A indicação (S3-E1, 28/09/17) corresponde ao número do Sujeito (1 a 6), ao número da entrevista (primeira narrativa e segunda semiestruturada) e à data em que foi realizada. Todas as entrevistas serão assim indicadas e apresentadas em itálico para diferenciá-las das citações bibliográficas.



*cantar. Então eu comecei... tudo era música. Respirava música na minha casa. (S4-E1, 04/04/2017).*

No início de suas formações, os entrevistados geralmente contaram com o apoio da família, que via essa atividade como um reforço na sua bagagem cultural. Entretanto, quando as atividades musicais começavam a fazer parte de seus projetos de vida, surgia uma preocupação com o futuro profissional de seus filhos.

*“Meu filho, você vai ser cantor? Você vai morrer de fome!” Eles descobriram isso quando eu fui fazer o IF [Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical]. E aí, na cabeça deles, você só pode trabalhar com música se você for cantor e for bem-sucedido, porque se não, você não vai ter dinheiro para comer [...]. (S1-E2, 29/10/2018).*

Para a maioria dos entrevistados, de início, a opção pelo curso técnico integrado não visava a profissionalização em música, mas sim a oportunidade de obter um ensino médio público e de qualidade em um Instituto Federal. Esta era a pretensão dos pais e, de certa forma, de alguns sujeitos que se declararam muito novos, na época em que ingressaram na instituição, para decidir a sua profissão:

*Para eles não era nada sério, inclusive para mim. Eu era muito novo e inclusive não tinha essa dimensão de saber [...] se realmente eu queria. E daí eu comecei a estudar no IF [...] meus pais permitiram que eu fosse estudar o curso de música e o ensino médio, mas [...] para eles eu ia estudar o ensino médio, música ia ser à parte. (S2-E2, 16/11/2017).*

*Então o IF foi engraçado, porque quando eu entrei mesmo, quando eu entrei para fazer a inscrição para a prova, tinham vários cursos lá, só que o único que eu me adequava era música. Não conscientemente eu pensava em fazer isso na vida, mas eu acho que, inconscientemente, eu acho que eu já estava meio que trilhando para aquele caminho. (S3-E2, 19/10/2017).*

De acordo com Miguez (2014, p. 102), a consciência tem uma função intuitiva na descoberta do sentido de vida. Primeiro ela tem uma função “pré-lógica”, que depois é racionalizada. Pelas falas dos Sujeitos 2 e 3, a escolha pela formação técnica na área de música não foi consciente, mas se tornou uma decisão mais firme ao longo do curso.

## Descobrimo as possibilidades da relação com a música

No decorrer do curso técnico, a partir da convivência com os professores, com os colegas, assim como das várias experiências — como tocar em outra cidade, montar conjuntos e conhecer melhor o mercado de trabalho da música — todos os sujeitos entrevistados passaram a querer se tornar profissionais da área. A maioria deles enfatizou a importância desse curso para a sua formação e inserção no ensino superior de música.

*[...] também tive um pouco das influências de cada professor que eu tive lá [...] E essas experiências da gente estar saindo para tocar e isso também para a gente no final do curso foi muito marcante, sabe? E a gente acabou se sentindo profissional, no meio, inserido em um meio bem profissional [...] Em outros lugares, talvez a gente não teria essas mesmas oportunidades. (S2-E2, 16/11/17).*

Um importante aspecto do sentido de vida revelado nas narrativas é a descoberta do sentido. Damásio (2010, p. 47-48) aponta que “o ser humano é um ente responsável e consciente e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, salientando que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, nas relações”.

*Quando chegou no meu terceiro ou quarto ano [no IFPB], eu olhei para a minha professora e disse: “É isso que eu quero. Eu quero me graduar em violino. Eu quero continuar na música”. Era o que me fazia bem, era o que me fazia feliz [...]. Então foi isso que eu escolhi [...]. (S4-E1, 04/04/2017).*

*O curso do IF, ele foi... ele foi... não sei... Ele foi um divisor de águas, não sei, foi ali onde eu descobri que era o meu caminho. Até então, quando eu entrei lá, não tinha noção de teoria, não tinha noção de nada disso, era uma coisa muito espontânea, era algo muito de vivência, de ouvido, digamos assim. E aí eu tive contato com teoria, com percepção, coisas que eu nem imaginava um dia fazer e foi um ambiente mais sério, digamos assim... (S5-E2, 22/05/2018).*

Para esses seis sujeitos, a descoberta do sentido de vida aconteceu de forma gradual, à medida que cursavam o ensino técnico e estavam cada vez mais envolvidos com a música. A relação de cada um com a música já era suficientemente forte e significativa, levando-os a buscarem novos caminhos para estudo e profissionalização.

## Construindo projetos de vida: a ida para a UFPB

Todos os entrevistados, em algum momento de suas vidas, tiveram que fazer uma escolha consciente e autônoma. Decidir-se por fazer música, persistir em sua prática, aprimorando-a para sua formação e atuação profissional, exigiu de cada um, coragem em admitir que a relação com a música assumia em suas vidas uma significação maior.

Assim, optaram pelos cursos superiores de música da UFPB, submetendo-se ao processo de seleção, que combinava provas específicas (teoria, instrumento/canto, solfejo) à nota do ENEM<sup>10</sup>:

*Passei até em administração, e outros cursos assim, mas eu nem fui me matricular, eu estava só esperando [o resultado do] vestibular. Correndo o risco de não passar, mas eu estava lá, eu disse: “eu não vou me matricular nesses cursos. Eu tenho fé de que eu vou passar em música e é isso que eu quero!” Se eu não tivesse passado naquele ano, eu ia tentar de novo, de novo, até passar. (S1-E1, 04/10/2018).*

As narrativas dos entrevistados ilustram também duas características do sentido de vida – “*ad situationem e ad personam*” (MIGUEZ, 2014, p. 74) –, quer dizer, o sentido depende da situação em que se encontra o indivíduo, sendo pessoal e circunstancial. Assim, relaciona-se especificamente com cada um, com sua história de vida musical e as significações subjetivas que estabelece com a música:

*Montar uma banda e fazer sucesso... Parece brincadeira, né? Aí assim, mas claro, quando o meu envolvimento com a música sempre agrega mais em relação às minhas metas, por exemplo, eu tenho esse plano também, mas eu tenho esse plano subdividido. Eu quero fazer um projeto cantado, autoral, um projeto autoral instrumental. Paralelo a isso, eu gosto de participar de projetos autorais que não são meus, para a gente criar em conjunto, criação em banda [...] Meus planos a longo prazo... eu quero ter uma experiência no exterior. (S6-E2, 29/05/2018).*

Ao apresentar seus planos para o futuro, os entrevistados revelaram os seus projetos de vida. Estes, segundo Damásio (2010, p. 49), têm como objetivo a busca do sentido na vida, dirigindo-se “para a consecução dos valores na área da liberdade humana”.

---

<sup>10</sup> A Licenciatura em Música da UFPB, bem como o Bacharelado, exige uma prova de conhecimentos específicos além do ENEM, não oferecendo as vagas pelo SISU / Sistema de Seleção Unificada (UFPB, 2019, p. 4).

*Eu me imagino tocando em alguma orquestra, provavelmente, também me imagino sendo professor de música, talvez não do meu instrumento, mas de música no geral, porque eu gosto de dar aula, gosto de história da música, teoria musical, essas coisas mais abrangentes. (S4-E2, 15/05/2017).*

“Elaborar um projeto é, por antecipação, fotografar determinadas atividades que serão realizadas no futuro, a posteriori” (DAMÁSIO, 2010, p. 49). Todos os entrevistados revelaram planos de continuar estudando música e de trabalhar na área, seja com a performance, composição ou ensino.

## **Considerações finais**

As escolhas para seguir a música como profissão, embora imbuídas de alto significado pessoal, podem não ter acolhida no meio familiar ou da sociedade, caso não ocorram possibilidades formais que validem a opção feita pelos jovens. Conforme foi ressaltado, a música muitas vezes é vista como uma atividade sem boas perspectivas de carreira – quanto à estabilidade e garantia salarial – configurando, assim, um “trabalho intermitente”, nos termos de Segnini (2011). Desta forma, as famílias podem aceitar essa escolha apenas quando a decisão se formaliza com a entrada no ensino superior. Assim, esses jovens conseguem encontrar a sua “missão de vida”, na perspectiva que Frankl (2014) dá a esse conceito, que só é possível a partir da escolha individual, em um momento de vida específico.

Assim, as histórias de vida aqui trazidas apontam para a relevância da função de um espaço formal de ensino de música especializado como potencializador do sentido de vida dos sujeitos envolvidos. Durante o percurso de formação musical e as experiências vividas no curso técnico oferecido pelo IFPB, os alunos começaram a vislumbrar a música como uma possibilidade de profissionalização. As relações e as atividades desenvolvidas neste contexto favoreceram a descoberta desse sentido, que foi se revelando como um projeto de vida, visto que os entrevistados prosseguiram em seus estudos no nível superior.

Lembrando que a educação técnica profissionalizante também faz parte da educação básica (BRASIL, 2013), espaços como o do Curso Técnico Integrado em Instrumento Musical do IFPB podem se configurar como alternativas válidas de formação

prévia aos estudos de graduação. Desta forma, constatamos a importância do curso técnico para esses sujeitos, representando o primeiro contato com um estudo formal em música, fundamental para seu ingresso nos cursos de graduação da UFPB. Eles constroem, assim, suas trajetórias de vida que têm na relação significativa com a música seu eixo central.

## Referências

BEZERRA, Italan Carneiro. *Curso técnico integrado ao ensino médio em instrumento musical do IFPB: reflexões a partir dos perfis discente e institucional*. 2017. 526 f. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BRASIL. *Resolução nº 6, de 11 de setembro de 2019*. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília, 20 set. 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category\\_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 11 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional técnica de nível médio. In: *Diretrizes curriculares nacionais da educação básica*. Brasília: MEC, 2013. p. 202-264.

DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P. da; AQUINO, Thiago A. Avellar de (Orgs.). *Logoterapia e educação*. São Paulo: Paulus, 2010.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Celson. Educação musical na família: as lógicas do invisível. *Revista da Abem*, Londrina, v. 19, n.25, p. 30-40, jan-jun 2011.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA. *Plano pedagógico do curso técnico integrado ao ensino médio em instrumento musical*. João Pessoa, 2015.

HORN, Suelena de Araujo Borges. *Ensinando Percepção Musical: um estudo de caso na disciplina do curso técnico de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia*. João Pessoa, 2016. 212f. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

KUENZER, Acácia Zeneida. EM e EP na produção flexível: a dualidade invertida. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 5, n. 8, p. 43-55, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/46/43>. Acesso em: 10/09/2019.

MIGUEZ, Eloisa Marques. *Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2014.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. ampl. 3. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PENNA, Maura; PINTO, Ana Luiza; SANTOS, Susie. Relações com a música em diversos contextos de formação: significações e sentido de vida. *Revista da Abem*, v. 26, n. 40, p. 5-22, jan./jun. 2018a.

PENNA, Maura; SANTOS, Susie; PINTO, Ana Luiza. Minhas músicas, suas músicas: in/exclusões e (trans)formações na licenciatura em música. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2018, Salvador. *Anais...* Salvador, 2018.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. À procura do trabalho intermitente no campo da música. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 16, n. 30, p. 177-196, 2011.

SILVA JÚNIOR, José Davison. Música e memória autobiográfica. In: SANTIAGO, Diana (Org.). *Prática musical, memória e linguagem*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 173-202.

TRAVASSOS, Elisabeth. Redesenhando as fronteiras do gosto: estudantes de música e diversidade musical. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 119-144, out. 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. *Edital PRG nº 12/2019: Processo seletivo de conhecimento específico (PSCE)*. 2019. Disponível em: <<http://www.prg.ufpb.br/prg/codesc/processos-seletivos/noticias/psce-musica-2019/edital-psce-2019-musica.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2019.